

O enigma



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

O espetáculo midiático foi bonito, cada um dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) teve seu momento de grande exposição, mas a festa acabou. Surgiu um novo tempo, o ex-presidente e seus principais auxiliares serão presos, e há a perspectiva de a eleição de 2026 se transformar numa guerra de posições parecida com o que ocorre atualmente nos Estados Unidos, onde os divergentes se resolvem na base do tiro e da pancada. Todo mundo mata todo mundo.

O mundo está passando por um de seus períodos de loucura. A Rússia bombardeou a Polônia, que chamou os colegas da Otan a enfrentar o inimigo comum, o Exército de Moscou. A Europa está convulsionada. Israel bombardeou o Qatar para matar chefes do grupo Hamas. Nenhuma atenção foi dada ao fato de que as bombas caíram em país que não está em guerra com o país dos judeus. E Telaviv também já não dissimula que não pretende abrir espaço para um futuro país palestino. O

mundo piorou nos últimos tempos, por consequência da atuação de líderes despreparados para exercer suas responsabilidades. O resultado dessa situação é a guerra, ou a política exercida por outros meios, seja chantagem econômico-financeira ou ameaça de conflito bélico.

Esse clima de confronto pesado chegou ao Brasil por intermédio de Jair Bolsonaro e seus auxiliares, civis e militares. Eles provocaram a população até um nível altíssimo com a reiterada convocação de militantes para invadir as sedes dos Poderes, a difusão da mensagem de que não haveria posse do presidente eleito, ou ao incentivo ao pessoal que participou da Festa da Selma. Todo o esforço teve como objetivo criar um clima de confusão administrativa e política dentro do país, que justificaria a adoção de medidas de Garantia da Lei e da Ordem, posteriormente. Ou seja, o golpe de Estado estava armado e preparado. Não se transformou em realidade porque os comandantes do Exército e da Aeronáutica não aceitaram participar da quartelada.

O Conselheiro Acácio, personagem inesquecível de Eça de Queiroz, só se manifestava para dizer o óbvio. Os bolsonaristas não vão desaparecer de um dia para o outro. Eles estarão presentes nas eleições de 2026, que terá como sujeito oculto o governo do presidente Trump. Os norte-americanos são capazes de articular golpes de Estado em qualquer lugar do mundo. A atuação do ministro

Luiz Fux, que divergiu da maioria, foi melhor do que a encomenda, segundo relatos transcritos pela imprensa brasileira de comentários feitos em Washington. Ninguém esperava que ele fosse tão enfático na defesa de Bolsonaro e seus asseclas.

Fux, com seu voto, forneceu um precioso argumento para os advogados da defesa, que poderão buscar uma fórmula para reduzir as penas com base no voto divergente. O processo deverá tramitar ainda por longo período. Nada vai se solucionar, no curto prazo, mesmo porque os parlamentares deverão buscar uma solução dentro do Congresso. A festa midiática serviu para fazer com que o Brasil acredite na força de sua democracia. Mas Lula continua candidato à reeleição, e a direita ainda não encontrou o substituto de Bolsonaro. Os próximos tempos deverão desvendar esse enigma.

Mas doravante, qualquer um, civil ou militar, que venha a ser convidado para participar de alguma trama golpista vai pensar duas vezes. O risco de pegar uma cana dura é muito elevado. Ou a organização tem meios e modos de se impor com tiros e bombas, ou não vale a pena correr o risco. E o efeito colateral dessa situação é curioso. Os políticos estão descobrindo que o melhor caminho para buscar a hegemonia na convivência entre parlamentares é promover a vitalização dos partidos políticos. Partidos fortes significam representação forte e, nessa perspectiva, a tentação do golpe fica diluída.

Maurenilson Freire



Psicanálise negra: instrumento para a formação de novos profissionais



» ROBERTO RODRIGUES
Jornalista e psicanalista

A questão racial tem sido referencial bastante presente na formação de psicanalistas brasileiros. No entanto, levantamentos recentes indicam que essa ciência da saúde emocional continua a ser praticada majoritariamente por pessoas brancas. Atualmente, venho refletindo sobre casos de pessoas negras que buscam ser atendidas por psicanalistas também negros. Constantemente, recebo essa demanda, inclusive, em forma de perguntas: “Estou com um caso aqui de uma pessoa que quer ser atendida por um psicanalista negro. Você pode atender?”; “Você conhece algum psicanalista negro para indicar?”; ou, então, “Eu só vou em psicanalista negro!”. Antes de falar da questão do negro na clínica, é importante fazer algumas considerações históricas.

Vivemos numa sociedade racista. Esse fato não é novidade, mas temos que ficar atentos em como o racismo se transfigura, em como desenvolve suas metamorfoses no tecido social e nos processos de subjetivação e como inverte posições, a ponto de definir como culpado o sujeito que sofre os atos de racismo. Não se trata de uma generalização, porém, por ser estrutural na sociedade brasileira, o racismo

atua direta e indiretamente; no Brasil, é cruel e criativo, entre outras expressões. Há uma ferida narcísica na constituição psíquica do negro brasileiro. São traumas oriundos dos processos de escravização, que produziram e ainda produzem outros traumas. São várias as situações em que o sujeito negro procura um/a psicanalista negro/a, pois teve uma experiência com psicanalista que não era negro/a e entende que não foi ouvido como queria. Ou se sentiu ignorado ou desconsiderado.

Em entrevista da psicanalista Maria Lúcia da Silva intitulada *Impactos do racismo não são reconhecidos pela psicanálise*, ao ser indagada sobre a abordagem do racismo na psicanálise na atualidade e como deveria ser tratada, a profissional afirmou: “Na instituição psicanálise não há um reconhecimento de que o racismo produz sofrimento psíquico. Portanto, quando alguma pessoa negra num consultório de um psicanalista branco traz o tema do racismo, do seu sofrimento, esse tema não é reconhecido, ele não é tratado como ele merece ser tratado. E, aí, muitas vezes o psicanalista vai tratar esse tema de uma forma superficial, vai dizer pro sujeito: ‘Olha, isso não existe mais, isso é da sua cabeça, isso é sentimento de perseguição’. Então é isso que nós vamos vivendo no cotidiano. Eu tenho que levar em conta todos os fatores identitários daquela pessoa que tá na minha clínica. Portanto, se tem um negro em seu consultório, tem que levar em conta a história dele, a história cultural, o grupo que ele faz parte; então, é quase que retomar os estudos que dão origem à própria formação, que é a história do sujeito, a singularidade daquele sujeito”.

A procura de um psicanalista negro pode ser também uma expectativa de ser tratado melhor. Essa procura pode evidenciar vivências anteriores, em que o sujeito não quis ou não conseguiu permanecer, além de ser ainda uma maneira de expressar o lugar esperado. E avalio ser legítima não somente essa busca, mas o que o sujeito encontrará no psicanalista não pode ser as respostas que ele procura tão somente, mas, sim, um lugar onde suas respostas possam ser construídas. Penso que não há uma psicanálise negra, mas um movimento para a psicanálise reconhecer essa questão. A psicanálise foi construída na Europa por homens brancos, inicialmente no atendimento a sujeitos brancos, vivenciando valores daquela época (século 19 e 20), por isso, é relevante a sua continuidade considerando as demandas atuais e, até mesmo, aspectos históricos negligenciados durante a sua implementação.

Segundo Fanon, “o discurso psicanalítico deve rever sua posição frente a diversas questões que ainda se encontram presentes na atualidade, como o racismo, o sexismo, o patriarcado e o colonialismo. Tal como ela foi concebida, e ainda mantida por diversos grupos, ela não pode ser tomada como um referencial para explicar a realidade histórica complexa em que se encontra o sujeito negro”. Diante dessa realidade, temos que trabalhar junto à Federação Brasileira de Psicanálise no sentido de ampliar a presença de negros e negras nas instituições de formação profissional e de uma abertura para a compreensão da complexidade da abordagem às pessoas integrantes de minoria racial.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) //
circecunha.df@dabr.com.br



Rumores

Há muitos que afirmam que o troar dos canhões pode ser ouvido ao longe. Esses murmúrios não devem, a tempo, ser desconsiderados. Os relâmpagos e os ventos fortes, contra um céu enegrecido por pesadas nuvens, anunciam a tempestade que vem. Vivemos exatamente esse momento. Desde a Guerra Fria, a sensação de que o planeta se aproxima de uma conflagração ampla e generalizada nunca esteve tão presente na vida cotidiana das pessoas, dos mercados e das próprias nações. É só o que predizem os noticiários. Os preparativos para essa festa fúnebre indicam que já foram gastos até o presente quase US\$ 3 trilhões em armamentos. Não se trata de alarmismo vazio. É observação dos fatos.

Na Ucrânia, a guerra, em andamento há mais de três anos, não apenas destrói cidades e ceifa vidas, mas também redesenha o mapa das alianças militares no continente europeu. Países que antes se mantinham neutros, como a Suécia e a Finlândia, agora se apressam a entrar na Organização do Atlântico Norte (Otan), temendo a extensão do conflito. Moscou, por sua vez, não dá sinais de recuo, insistindo em consolidar ganhos territoriais e em mostrar ao mundo sua disposição para resistir às sanções ocidentais.

No Oriente Médio, Israel continua sua ofensiva contra a Faixa de Gaza, enquanto grupos armados da região ampliam suas ações, do Líbano ao Iêmen. O Mar Vermelho, corredor vital do comércio internacional, tornou-se palco de ataques a navios, encarecendo fretes e aumentando o risco de desabastecimento global. O petróleo volta a ser arma estratégica, como nos anos 1970. E a diplomacia internacional, ainda que ativa, parece incapaz de deter a lógica da vingança e do terror.

No Leste Asiático, a China intensifica exercícios militares ao redor de Taiwan, enviando aviões e navios numa clara demonstração de força. Pequim não esconde a ambição de “reunificar” a ilha, custe o que custar. Os Estados Unidos, aliados históricos de Taipei, mantêm porta-aviões e bases militares prontos para reagir. Um erro de cálculo, um disparo errado, e o mundo acordará com o anúncio de uma guerra que envolveria diretamente as duas maiores potências globais.

Como se não bastasse, a Coreia do Norte segue a rotina de testes de mísseis de longo alcance, lembrando ao planeta que, mesmo pequeno e isolado, ainda tem capacidade de provocar um terremoto geopolítico. O arsenal nuclear de Pyongyang é a espada de Dâmocles que pende sobre o Pacífico, e a imprevisibilidade de seu regime é combustível para o medo.

Diante desse quadro, pergunta-se: estamos à beira de uma Terceira Guerra Mundial? A resposta honesta é que não há uma resposta definitiva. Não há declarações oficiais de guerra total, tampouco mobilização generalizada de tropas como em 1914 e 1939. Mas há, sim, uma multiplicidade de conflitos regionais que se entrelaçam em uma teia perigosa, com riscos reais de contágio.

Microguerras se espalham pelo planeta causando impacto econômico e psicológico. O que impressiona é a banalidade com que surgem os motivos. Pequenas disputas territoriais, choques religiosos, rusgas diplomáticas transformam-se rapidamente em batalhas campais. E o preço é pago sempre pelo mesmo: o povo.

Refugiados se amontoam nas fronteiras, famílias são despedaçadas, cidades se tornam escombros. Enquanto isso, líderes mundiais se reúnem em cúpulas, onde as palavras valem menos que as armas. Para o cidadão comum, resta o dilema entre o medo e a preparação. Ignorar os sinais pode ser cômodo, mas é imprudente. Antecipar-se é sabedoria. O mínimo que se espera é que governos e sociedades civis se organizem para resistir às consequências indiretas dessas guerras: crises alimentares, alta do petróleo, migrações em massa, aumento da insegurança.

É hora de pensar em segurança energética, reservas de alimentos, estratégias de defesa cibernética e proteção civil. Não se trata aqui de criar pânico desnecessário, mas um alerta à lucidez. A humanidade já viveu dois grandes incêndios globais no século 20. O primeiro foi subestimado, o segundo foi mal prevenido. Hoje, temos informação em tempo real, tecnologia capaz de prever desastres e diplomacia multilateral. O que falta é liderança corajosa e compromisso ético com a paz. Se a chuva de fogo vier — e os sinais se acumulam — não será por falta de aviso. Será por falta de prudência. E prudência é o que precisamos cultivar em meio ao barulho ensurdecedor dos tambores de guerra.

Em muitos lugares, os kits de sobrevivência fazem parte das compras domésticas. Bunkers são construídos aos milhares, utilizando as mais modernas técnicas. Ao menos é esperado que essas populações, sob o fogo, venham a sobreviver. O resto comporá os escombros e cinzas deixados para trás.

A frase que foi pronunciada:

“É uma das ironias da história que o comunismo, anunciado como uma sociedade sem classes, tenha tendido a gerar uma classe privilegiada de proporções feudais.”

Henry Kissinger

História de Brasília

Uma nota para os que falam no retorno da capital; há vagas em todas as escolas do Plano Piloto para qualquer ano do curso primário. (Publicada em 9/5/1962)